

5 | NÚCLEOS e
LABORATÓRIOS De
PESQUISA DA
FAUUSP

Francisco Comarú
Letizia Vitale

LABORATÓRIO *de* PROJETO
INTEGRADO *e* PARTICIPATIVO
PARA O PRÉDIO DA RUA DO
OUVIDOR, 63: *EXTENSÃO,*
ENSINO e PRODUÇÃO DO
SABER *em* MOVIMENTO

170

pós-

INTRODUÇÃO

O resultado do laboratório – estudos preliminares de arquitetura, projeto de ações sociais, proposta de viabilidade jurídico-legal e proposta de viabilidade financeira – foi consequência do trabalho coletivo e voluntário de cerca de 130 estudantes, profissionais e professores que participaram do processo durante os nove dias de elaboração do projeto interdisciplinar dentro do edifício ocupado por famílias integrantes do Movimento de Moradia do Centro, moradores de cortiço.

A experiência representou, a nosso ver, um momento de expressão da luta histórica e coletiva pela transformação da realidade habitacional, pela valorização do patrimônio humano e urbano da cidade, especialmente as áreas centrais degradadas de São Paulo. Os participantes dessa história são uma parcela importante da sociedade: sem-teto, moradores de cortiços, movimentos sociais de moradia, estudantes, professores e pesquisadores universitários, profissionais de

assessorias técnicas e organizações não-governamentais.

O evento só pôde se materializar graças à participação intensa de inúmeras pessoas e ao acúmulo histórico, técnico, político, social e cultural adquirido por diversos atores da sociedade civil.

A idéia do trabalho do laboratório foi concebida pela arquiteta Letizia Vitale, pesquisadora do Politecnico di Torino, em âmbito acadêmico da pesquisa internacional “Análise tipológica e intervenções para requalificação de cortiços na cidade de São Paulo”, desenvolvida no Departamento de Engenharia de Construção Civil da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo – Brasil, sob orientação dos professores Andrea Piccini da Universidade de São Paulo – Escola Politécnica da USP e Delfina Maritano Comoglio da Scuola di Specializzazione in tecnologia, architettura e città nei paesi emergenti do Politecnico di Torino – Itália.

PRECEDENTES DO LABORATÓRIO: MORADIA SOCIAL, DIREITO AO CENTRO E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO DO ENSINO E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

As correntes e trabalhos que influenciaram a elaboração e realização do laboratório são de diversas origens. Como já mencionado, sua concepção contou com a participação e influência de pesquisadores do Politecnico di Torino – Itália, que já vinham realizando estudos, intercâmbio e cooperação com arquitetos e engenheiros de São Paulo, principalmente, por meio da Escola Politécnica da USP¹.

Além disso, o trabalho contou também, de forma decisiva em sua realização, com a experiência de diversos profissionais oriundos e membros de assessorias técnicas e organizações não-governamentais ligadas ao desenvolvimento de projetos de moradia social em São Paulo. Estas, em sua maioria formada e consolidada durante o Programa de Mutirão e Autogestão da administração Luiza Erundina na cidade de São Paulo (1989/92).

Inúmeros trabalhos acadêmicos² relatam que a gestão da prefeita Luiza Erundina propiciou, por meio da política desenvolvida pela Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano da Prefeitura do Município de São Paulo (PMSP), a produção de milhares de unidades habitacionais em regime de mutirão e autogestão. Essa experiência trouxe uma série de inovações no que se refere às formas de produção, processo e apropriação dos espaços urbanos e de moradia na cidade. Foi nesse período que surgiram a maioria das assessorias técnicas que contribuíram, por sua

vez, na criação de referências e de um campo de trabalho do arquiteto, do engenheiro e dos profissionais que lidam com o ambiente construído, e que tem como atitude norteadora a dedicação e o engajamento profissional em prol da superação das iniquidades sociais, especialmente o direito à moradia digna e à cidade.

Sabe-se também que a prática desenvolvida, naquele período, foi influenciada por diversas outras experiências, como nos relata Ronconi (1995), sobre o caso das Cooperativas Uruguaias de Habitação e o Laboratório de Habitação da Faculdade Belas Artes de Arquitetura, experiência também relatada por Bonduki (1992). Esta última abortada pela direção da Escola que preferiu não apoiar os trabalhos de extensão universitária levados a cabo por alguns professores e estudantes, que mais tarde teve parte na contribuição de uma das políticas públicas mais importantes que São Paulo já presenciou na área da habitação.

Se muitos dos profissionais que participaram do trabalho do laboratório da rua do Ouvidor traziam consigo a bagagem e a experiência das assessorias técnicas, diversos traziam também a experiência ainda pouco relatada das atividades de extensão universitária desenvolvidas por um grupo de professores e estudantes do Departamento de Arquitetura da Universidade de Taubaté (Unitau) no período de 1995 a 1999, no âmbito de um núcleo conhecido por Núcleo de Habitação e Desenvolvimento Urbano (NHDU).

Naquele período, por meio do NHDU da Unitau foram viabilizados diversos seminários, debates e atividades inovadoras. Entre elas a que mais influenciou a concepção do laboratório da rua do Ouvidor foi a Clínica de Urbanismo, idealizada pelo professor de urbanismo João Carlos Correa.

Tratava-se de um trabalho em que o NHDU contactava ou era contactado por alguma prefeitura da região do Vale do Paraíba ou litoral norte do estado de São Paulo, e acordava-se que um grupo de estudantes

orientados por professores desenvolveriam alguma atividade relativa a um plano ou projeto urbano necessário para a cidade e que a prefeitura tinha dificuldades para realizar. O grupo se hospedava em uma escola ou em outro alojamento simples da cidade durante 10 ou 15 dias do mês de férias (julho) e graciosamente realizava levantamentos, convivia com os diversos segmentos sociais da sociedade local e técnicos da prefeitura e desenvolvia a proposta. A prefeitura ou setores locais custeavam o transporte, alimentação, material de consumo e a hospedagem. Foram realizadas duas Clínicas de Urbanismo. A primeira no município de Aparecida do Norte em 1998, que teve o objetivo de formular subsídios para o plano diretor local, e a segunda para a prefeitura de São Sebastião e a Sociedade Amigos da Praia de Boissucanga em 1999, que objetivou desenvolver um projeto de uma praça pública na orla da praia, de modo que impedisse a apropriação indevida por construtores de casas de turismo do espaço da areia da praia.

Essas experiências explicitaram aos professores e profissionais envolvidos algumas lições e trouxeram algumas evidências:

- a) Uma das melhores formas de conhecer e compreender a realidade de uma cidade ou comunidade e realizar um diagnóstico é “morar” nesse local por algum tempo, e assim levantar dados quantitativos e qualitativos utilizando, além dos instrumentos convencionais, os elementos da convivência e do cotidiano, como entrevistas, bate-papos, paradas nos bares, restaurantes, comércio, brincadeiras com as crianças, oficinas com os adultos, etc.;
- b) esta forma de trabalho representou uma das mais poderosas para o aprendizado e transformação (pedagógica em sentido abrangente) dos estudantes envolvidos (e professores também) – em praticamente todos os casos, notou-se um crescimento de conteúdo, de

atitude crítica e maturidade dos estudantes após as experiências das Clínicas de Urbanismo – a nosso ver, o próprio fato da convivência dos professores com os estudantes no alojamento que era, ao mesmo tempo, oficina de trabalho e local de moradia provisória, além do contato direto com a comunidade em uma situação real, trazia reações novas de engajamento e interesse muito mais profundo e especial por parte dos alunos – quando comparado com as atividades na sala de aula;

- c) este tipo de atividade, apesar de levantar expectativas na comunidade que se desenvolvia, criava também uma “efervescência, uma energia local pró-execução” do projeto e das ações demandadas.

CONTEXTO E O MOMENTO DO LABORATÓRIO

O processo de pesquisa que culminou com a proposição do laboratório revelou, além dos aspectos já citados, a expressão de diversas necessidades e carências urbanas como conseqüência do conhecimento da realidade em diferentes âmbitos.

No âmbito do poder público, cuja análise se delineou por meio de entrevistas com técnicos e levantamentos de dados nas entidades públicas e da sociedade civil, apresentou um quadro de paralisação das ações e execução de intervenções para a transformação das condições de vida da população de baixa renda que mora nas áreas centrais.

No âmbito da cidade real evidenciaram-se as necessidades e demandas das famílias, a situação de degradação em muitas áreas urbanas, e ao mesmo tempo a grande potencialidade dos movimentos sociais dos moradores de cortiços das regiões centrais e as significativas experiências de políticas e projetos habitacionais já realizados.

No âmbito acadêmico da pesquisa, representado por uma etapa de estudos comparativos internacionais focalizados no problema habitacional dos cortiços (habitação coletiva e precária de aluguel), nas áreas centrais de cidades como São Paulo, apresentava-se-nos um espaço potencial dos registros dos acúmulos e avanços, um espaço de debates e contatos e a perspectiva de desenvolver e propor uma metodologia de intervenção estratégica para a revitalização de áreas urbanas que pudesse ser reaplicada, levando em conta todas as potencialidades presentes.

A articulação e análise desses diferentes âmbitos, a certa altura do desenvolvimento do estudo teórico de investigação sobre o fenômeno e o problema dos cortiços em São Paulo, mostrou as condições para a proposição de algum tipo de experiência prática que articulasse os diferentes atores da cidade envolvidos no problema e buscasse caminhos na perspectiva de superar os obstáculos técnicos, políticos, econômicos e históricos da problemática. Nasceu a possibilidade de conceber, propor e articular a intervenção prática.

Assim, nos vários meses de trabalho que precedeu o laboratório, foram realizadas inúmeras visitas a cortiços, contatos, reuniões com membros de organizações não-governamentais, de movimentos de moradia, professores, pesquisadores, estudantes, técnicos de órgãos públicos ligados à questão habitacional.

Em especial, foram relevantes os contatos e a vivência com membros dos movimentos de moradia, Unificação das Lutas de Cortiços (ULC), Movimento de Moradia do Centro (MMC), Fórum dos Cortiços e de diversas assessorias técnicas e organizações não-governamentais que trabalham com habitação, além de laboratórios e núcleos acadêmicos de universidades do Brasil.

O LABORATÓRIO, UM ESCRITÓRIO E UM COTIDIANO: NOVE DIAS DENTRO DO PRÉDIO TROCANDO E CONVIVENDO COM OS MORADORES

Realizados todos os contatos necessários, coletadas informações, realizado o planejamento de trabalho e divulgado o evento, principalmente, nas universidades, assessorias técnicas, movimentos de moradia e organizações não-governamentais, passou-se organizar sua execução com as seguintes características:

- a) foi montado um grande escritório (como um ateliê ou oficina de trabalho, patrocinado pelo Escritório Piloto do Grêmio Politécnico da USP) em um dos pavimentos mais adequados do prédio – 4º andar – que contava com mesas, cadeiras, computadores, material de consumo, plantas do prédio, água, etc.;
- b) em função da inscrição e da presença de profissionais e estudantes de diferentes áreas, foram formadas cinco equipes: de arquitetura, engenharia, sociologia, jurídico-legal e financeira, que deu origem a quatro grupos de trabalho para a etapa do diagnóstico: grupo para levantamento do perfil socioeconômico quantitativo; para o levantamento qualitativo (aspectos interpessoais e das representações – grupos de trabalho com adultos, crianças, adolescentes e famílias); para o levantamento físico do edifício e o grupo para o levantamento e registro estratégico de comunicação;
- c) esses grupos trabalharam para produzir um diagnóstico integrado durante os primeiros quatro dias do laboratório – no 4º dia, foi apresentado, em assembléia, o resultado do diagnóstico para todos os moradores do prédio;
- d) no 5º dia foram estabelecidas as diretrizes de trabalho com as equipes, de modo que se chegasse a uma proposta global e integrada;

e) o resultado das propostas foi apresentado na noite do 9º dia de trabalho dentro do prédio. As propostas apresentadas podem ser resumidas em:

- Proposta de ações físicas como a reforma e readequação do prédio para a transformação do uso comercial (projeto e destinação original do prédio) para o uso habitacional – foram produzidas plantas de arquitetura em nível de estudo preliminar e maquetes do prédio (interna e externa);
- proposta de ações sociais de curto, médio e longo prazos equivalentes ao período pré-reforma, durante as obras e pós-ocupação que contemplou: organização comunitária, geração de emprego e renda, ações com as crianças e adolescentes, mulheres, etc.;
- viabilidade financeira e jurídico-legal contendo a defesa e os termos jurídicos para a reforma, mudança de uso do prédio e a viabilidade de financiamento;
- proposta de ações imediatas contendo os problemas detectados e as recomendações: um projeto específico para responder às demandas emergenciais dos moradores até que os mesmos pudessem ser atendidos por um financiamento ou um programa público habitacional.

ELEMENTOS PARA UMA AVALIAÇÃO DO LABORATÓRIO

Como participantes do processo de planejamento e execução do Laboratório da Rua do Ouvidor e como pesquisadores e acadêmicos nos deparamos com as indagações próprias das atividades investigativas: como avaliar uma atividade como esta? Qual a contribuição que este tipo de trabalho pode resultar para o aprendizado dos estudantes, para a produção e sistematização do conhecimento, para a formulação de políticas

públicas, para a própria extensão universitária, tão marginal e pouco valorizada pelas agências de fomento e financiamento, enfim, para a própria transformação de valores da sociedade em que vivemos?

Como participantes da coordenação do laboratório pudemos observar que durante e após sua realização, o evento contou com espaços na imprensa escrita e televisiva local e nacional, exposição na 4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo e, mais recentemente, o lançamento de uma publicação versão português e inglês para divulgação do trabalho no meio acadêmico, técnico e popular no Brasil e em outros países, com apoio da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, Politecnico di Torino e do Grêmio Politécnico da USP.

Após o laboratório, pudemos assistir ao aumento da efervescência dentro e fora da universidade e o acontecimento de diversos outros eventos que arriscamos, influenciados pelo menos indiretamente, da atmosfera daquele momento: seminários envolvendo o debate entre os movimentos populares e a universidade; surgimento de novos fóruns de luta por um centro urbano mais justo e mais humano por meio da articulação de movimentos, entidades e estudantes; surgimento de cooperativas de trabalho profissionais interdisciplinares de assessoria aos movimentos populares, novos projetos de extensão universitária envolvendo estudantes de graduação e professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, fortalecimento político do movimento estudantil no âmbito do Diretório Central Estudantil (DCE) da USP, ampliação do debate sobre a degradação das áreas centrais, as ocupações dos movimentos de moradia e a necessidade de políticas públicas adequadas. À maneira de provocação bem ao sabor de um debate acadêmico, ousamos concluir que em

momentos de refluxos ou estagnação do processo de conquistas sociais, econômicas e políticas, a extensão universitária franca e interdisciplinar, que envolve estudantes e professores, quando atenta, fiel e próxima à realidade social constitui uma ferramenta e estratégia poderosa para a produção de respostas novas às questões e problemas mais complexos da sociedade. A extensão universitária, assim, é mais que a prestação de um serviço para uma comunidade – e que alimenta o ensino e a pesquisa na universidade – mas constitui, a nosso entender, uma contribuição à sociedade como um todo, com o privilégio de poder influir mais profundamente nas atitudes, nos destinos e no futuro dos estudantes, potenciais profissionais e cidadãos.

NOTAS

(1) O trabalho do laboratório se desenvolveu como consequência de uma pesquisa financiada pela Capes para a arquiteta Letizia Vitale do Politecnico di Torino, como mencionado. O trabalho do laboratório deu origem à publicação recentemente lançada de autoria coletiva: *Laboratório de Projeto integrado e participativo para requalificação de cortiço* com o apoio financeiro do Politecnico di Torino, Escritório Piloto do Grêmio Politécnico da USP,

FAUUSP, Pró Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP, 2002.

Temos como exemplo precedente de cooperação entre pesquisadores do Politecnico di Torino e profissionais de São Paulo o projeto financiado pela União Européia que deu origem a um curso de extensão universitária e à publicação: *Mutirão habitacional: Curso de formação em mutirão*, 1996.

(2) Apenas para citar algumas referências produzidas e estudos sobre a produção do período.

BONDUKI, N; ROSSETO, R. et al. *Arquitetura e habitação social em São Paulo – 1989 – 1992*. São Paulo: 2ª Bienal Internacional da Arquitetura de São Paulo, 1993.

BONDUKI, N. *Habitação e autogestão: Construindo territórios de utopia*. Rio de Janeiro: FASE, 1992.

COMARÚ, F. *Intervenção habitacional em cortiços da cidade de São Paulo: O mutirão Celso Garcia*. 1998. Dissertação (Mestrado). Escola Politécnica – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

FELIPE, J. P. *Mutirão e autogestão no Jardim São Francisco (1989-1992): Movimento de moradia o lugar do arquiteto*. 1997. Dissertação (Mestrado). Escola de Engenharia de São Carlos, São Carlos, 1997.

MARICATO, E. T. *Enfrentando desafios: A política desenvolvida pela Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de São Paulo 1989/1992*. 1997. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

_____. *Metrópole na periferia do capitalismo: Ilegalidade, desigualdade e violência*. São Paulo: Hucitec, 1996.

RONCONI, R. *Habitações construídas com gerenciamento pelos usuários, com organização da força de trabalho em regime de mutirão (O Programa Funaps Comunitário)*. 1995. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, São Carlos, 1995.

E mais recentemente:

ARANTES; P. F. *Arquitetura nova – Sergio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefrêve, de Artigas aos mutirões*. São Paulo: Ed. 34, 2002.

Francisco Comarú

Engenheiro, doutorando pela Faculdade de Saúde Pública da USP, pesquisador do LabHab da FAUUSP e membro da coordenação do Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos.

Letizia Vitale

Arquiteta e urbanista, especialista em “tecnologia, arquitetura e cidade dos países emergentes” pelo Politecnico di Torino, Itália.

scripção da

re. S. João em ... em da ... a barra daquella banda por onde se podem ...
em forma de ... S. J. ... & braço ... de de ... por braço ...
muy pontual ...

Y VINDA DE ...

... ar 50

... realin

... das se

... a de poz

... cinco libras ...

... de rocha ...

... e ...